

A “prática” nas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Currículos e Culturas da FAE/UFG.

Marlucy Alves Paraíso e Lucíola Licínio de C. P. Santos

“... tirar o ponto de apoio não implica deixar de pensar ou de agir. (...) A ação, o ‘espaço de atuação’, começa justamente naquele ponto em que cessam os pressupostos de estabilidade e de certeza (...). O fim dos fundamentos não é o fim da política, mas o seu começo” (Silva, 2002, p. 10)¹.

O Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Currículos e Culturas (GECC), sediado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais², mesmo com toda a sua multiplicidade de interesses e com toda a sua variedade de temáticas estudadas, ao investigar os currículos escolares e não-escolares³, tem como pressuposto comum em seus trabalhos a necessidade de uma *ação* ou uma *prática* politizada na educação e nos currículos. Ao tomar como objeto de estudo os currículos escolares de diferentes níveis de ensino, destinados aos mais diferentes grupos culturais, diferentes textos e políticas curriculares e os currículos de diferentes artefatos culturais, é sempre numa “prática” curricular que nos conduza ao movimento, à mudança e à invenção de outros espaços de atuação e de outras formas de ação que @s pesquisador@s do GECC estão pensando. A falta de um fundamento único, de um centro de ação – que é pressuposto teórico de muitas pesquisas desenvolvidas no GECC que trabalham, por exemplo, com as teorias pós-críticas –, não significa de modo algum – como fica evidente no trecho de Silva (2002) destacado na epígrafe deste texto – que não estejamos buscando engendrar espaços de ações nesses novos mapas políticos e culturais que caracterizam o tempo em que vivemos. Isso é feito nas investigações desenvolvidas pelo Grupo, no entanto, por meio de uma grande variedade teórico-conceitual e metodológica⁴.

Exatamente por toda a variedade que caracteriza o GECC, escrever sobre *como nossas investigações concebem a prática e com ela dialogam* é um desafio. Não é fácil juntar, sistematizar, identificar e sintetizar tanta variedade. Até mesmo porque *operar com a diferença e fazê-la proliferar* é uma marca do Grupo que queremos multiplicar. Além disso, é um desafio também

¹ “Mapeando a [complexa] produção teórica educacional – Entrevista com Tomaz Tadeu da Silva”. *Currículo sem Fronteiras*, v.2, n.1, pp.5-14, Jan/Jun 2002. www.curriculosemfronteiras.org

² O GECC tem como coordenadora a prof. Marlucy Paraíso e como vice-coordenadora a prof. Lucíola L. de C. P. Santos. O Grupo aglutina um grande número de pesquisadores/as de Belo Horizonte e conta com pesquisadores/as de outros estados da região sudeste. Ver lista de participantes no final deste texto.

³ Os temas já investigados ou que se encontram em processo de investigação pelos membros do GECC são: Currículos de diferentes áreas do conhecimento e de diferentes níveis de ensino; Políticas Curriculares diversas; Programas Oficiais e seus efeitos sobre os currículos escolares; Reformas curriculares da educação básica e de cursos de graduação; Currículo e formação docente; Currículos e culturas (juvenil, negra, cega, surda, de gênero, rural); Currículo e o discurso construtivista; Currículo e artefatos tecnológicos e culturais (televisão, literatura juvenil, revistas em quadrinhos, orkut, filmes infantis, músicas); Currículo e produção de identidades/subjetividades; Currículo e diferença.

⁴ Essa pluralidade teórica, conceitual e metodológica que caracteriza as pesquisas desenvolvidas pelos membros do GECC está explicitada em PARAÍSO, M. A. e SANTOS, L. L. de C. P. Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo e

porque muito já se disse sobre “a prática”, sobre sua complexidade, sobre suas inúmeras faces, suas infinitas relações, suas abertas possibilidades e seus inúmeros significados. É verdade que mesmo com toda a multiplicidade de ditos já existentes sobre a prática, ela está sempre aí desafiando a educador@s, de um modo geral, e às/aos curriculistas, de modo particular. Nas investigações do GECC isso não é diferente. As pesquisas já realizadas e em andamento⁵ no Grupo lidam constantemente com “as práticas”; incorporam diferentes concepções de prática ao mesmo tempo em que dialogam com “a prática” de diferentes modos⁶.

Contudo, argumentamos neste texto que, apesar de vislumbrarmos *diferentes linhas* traçadas pelas investigações do GECC, diferentes enfoques ao tratar do tema e diferentes nuances colocadas em destaque, ao lidar com a prática curricular e pedagógica, há nesses estudos *composições e encontros* ao conceber a prática como, de um lado, impregnada por relações de poder-saber que estabilizam e divulgam o já produzido e, por outro, espaço de rupturas, transgressões, criações e possibilidades. Para isso, apresentamos, primeiro, uma síntese de como prática é definida em algumas investigações do Grupo. Em seguida comentamos sobre as variedades existentes nas concepções de prática das investigações do GECC e sobre seus pontos de encontros e conexões.

Síntese de como a prática é concebida nas investigações do GECC

Prática é compreendida e trabalhada em pesquisas do GECC como:

- “O conjunto de ações e processos formativos desenvolvidos no cotidiano das Instituições escolares no qual os/as alunos/as estão envolvidos/as, e que é mediatizado pelo trabalho docente”.
- “Discursos efetivados no currículo que trazem as marcas das culturas nas quais estão inseridas ao mesmo tempo em que transgridem e modificam essa mesma cultura”.
- “Relações de poder que, operando em combinação com determinados saberes, estabelecem formas de condutas desejáveis no currículo e na pedagogia”.
- “O fim obrigatório e necessário para (re)elaboração da profissionalidade”.
- “Ação complexa que envolve discursos e práticas não-discursivas daqueles que fazem parte da comunidade escolar”.
- “Agenciamento de procedimentos teórico-metodológicos que propiciam aos sujeitos a possibilidade de refletir, compreender e atuar sobre suas próprias ações, buscando a transformação”.
- “Aquilo que se concretiza em palavras, gestos e atividades que têm, por um lado, um significado explícito e partilhado para a maioria dos sujeitos nela envolvidos e, por outro lado, um significado implícito que influencia e configura valores e formas de conduta, sem que os sujeitos percebam claramente seu significado”.

Culturas (GECC) FAE/UFGM. In: OLIVEIRA, I. B. e AMORIM, A. C. (Orgs.) Sentidos de Currículo: entre linhas teóricas, metodológicas e experiências investigativas. Campinas: FE/Unicamp, ANPEd, 2006, p. 44-48.

⁵ A lista das pesquisas em desenvolvimento no GECC em 2008 encontra-se no final deste texto.

⁶ Vou abordar neste texto as noções de prática d@s pesquisador@s que enviaram contribuições, para a escrita deste texto demandado pelo GT Currículo da ANPEd, e apresentaram informações sobre a noção de prática usada em suas pesquisas. Ess@s pesquisador@s são: Clara Tatiana Amaral, Daniela Amaral S. Freitas, Danielle Lameirinhas Carvalhar, Débora M. S. C. de Carvalho, Lucíola Licínio de C. P. Santos, Mariana R. de F. Vasconcelos, Maria Carolina da Silva, Marildes Marinho, Marlécio Maknamaia da S. Cunha, Marlucy A. Paraíso, Nilza Helena de Oliveira, Shirlei R. S. do Espírito Santo e Vândiner Ribeiro.

- “Conjunto de possibilidades abertas de falar sobre o outro e sobre si e de exercer sobre si mesmo e sobre o outro discursos de diferentes tipos que terão efeitos na produção de sujeitos de determinados tipos na educação”.
- “Relações de poder-saber que criam um pensar e um agir docentes e discentes, concorrendo para a subjetivação dos/as mesmos/as”.
- “Engendramento de múltiplas possibilidades no que já foi *atualizado* no currículo, isto é: no já dito, feito, realizado, pensado”.
- “Ações submetidas a um regime de verdades que estabelecem a maneira correta de agir, o que pode e o que não pode ser feito e quem tem autoridade para dizer quais as ações são lícitas e ilícitas”.
- “Exercícios e procedimentos, presentes na escolarização de meninos e meninas, que normalizam, disciplinam, regulam e controlam comportamentos, posturas e condutas deixando marcas generificadas inscritas em seus corpos”.
- Ações educativas “legitimadas nos diferentes campos sociais: na família, na escola, na igreja”, levando em consideração que “cada um desses universos legitima determinadas práticas sem, contudo, poder ferir o código social mais amplo que define que práticas são aceitáveis socialmente”.
- “Atividade social resultado e resultante da realidade que vai ajudando a configurar”.
- Ação que “corporifica valores, formas de pensamento, atitudes e sensibilidades que fazem parte das ações intencionais e não-intencionais dos sujeitos”.
- “Texto, *produzido* (por) e *produtor* de relações de poder-saber que tem efeitos sobre os sujeitos que vivenciam um currículo”.
- “Ação sobre os sujeitos pedagógicos de histórias e narrativas que, em seu poder de representação do mundo e dos diferentes grupos sociais, divulgam e produzem significados que concorrem para a produção de determinados tipos de subjetividade”.
- “Agenciamentos locais e regionais, não totalizadores, que fixam e fazem fugir, mantêm e criam, divulgam e produzem modos de ser, de estar, de fazer e de viver”.
- “Atividade organizada e estruturada por meio de saberes e relações de poder que nos fazem ver o mundo e as coisas do mundo de determinados modos”.
- “Ações nas instituições escolares (verbais/não-verbais e corporais/gestuais) dos sujeitos que, ao longo do tempo, vão configurando a cultura da escola”.
- “Técnicas, táticas e procedimentos exercidos por outros sobre os sujeitos da educação e pelo sujeito sobre si mesmo no território curricular e que produzem diferentes modos de vida”.
- “Ações que trazem a marca do ‘*habitus*’ (que segundo Bourdieu é a gramática geradora da prática), já que no processo de socialização as pessoas internalizam um conjunto de valores, de formas de pensamento, de atitudes etc que estão presentes nas formas como agem”.
- “Ações que fazem circular determinados significados no currículo ao mesmo tempo em que produzem outros significados que, por sua vez, são centrais nos processos de produção de identidades/subjetividades”.
- “Ações que disponibilizam e usam narrativas que ensinam ao público para o qual se destinam determinados modos de exercer sua subjetividade e que concorrem para a condução de suas condutas”.
- “Existência objetiva e material de certas regras a que o sujeito está submetido desde o momento em que pratica o ‘discurso’”.
- “Conjunto de ‘revezamentos de uma teoria a outra’ e que torna possível a produção tanto de linhas de fuga como de seguimento no currículo e na educação”.
- “Agenciamentos que põem em jogo, no currículo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos e acontecimentos”.

Linhas estendidas, encontros e composições para lidar com as práticas no território do GECC

Em uma rápida olhada nessa variedade de concepções de prática, sistematizadas com base no que algumas investigações desenvolvidas no GECC escrevem, fica evidente a diferença de tratamento do tema. Ficam evidentes, também, as diferentes abordagens teóricas usadas e os muitos conceitos trabalhados para tratar das práticas pedagógicas e curriculares. Em uma rápida listagem poderíamos dizer que ao conceituar e dialogar com a prática são usados conceitos como: relações de poder, profissionalidade; habitus, prática discursiva, prática não-discursiva, gênero, normalização, relações de poder-saber, subjetividade, identidade, narrativas, representação, produção de sujeitos, significados, práticas de si, regimes de verdade, subjetivação, agenciamento, multiplicidades... Trata-se como se vê de um conjunto de conceitos retirados das chamadas teorias críticas e pós-críticas para pensar e dialogar com as práticas curriculares.

Contudo é possível observar, claramente também, que há muitos encontros nesses modos de conceber a prática nas investigações do GECC. Talvez seja importante registrar que mesmo usando diferentes conceitos e abordagens oriundas das teorias críticas e pós-críticas da educação e do currículo, as pesquisas do GECC compreendem que as práticas não são “as atividades de um sujeito”. Talvez possa dizer que as práticas são os espaços de conexão de saberes, poderes, discursos, exercícios, técnicas, procedimentos que fazem ou não passar intensidades, e em que multiplicidades e possibilidades são introduzidas, metarmofoseadas ou dificultadas.

Pelos conceitos de prática destacados acima é possível compreender que em algumas pesquisas são as linhas do poder-saber que são priorizadas, perseguidas e problematizadas ao se tratar das práticas curriculares. Em outras pesquisas são as linhas de agenciamentos que produzem criações, transgressões e transformações que são estendidas no território do GECC. E é claro que muito também se produz sobre a prática curricular e pedagógica *no meio* dessas linhas, *no espaço-entre* essas duas linhas anunciadas, que não seguem apenas uma dessas linhas mas estabelecem conexões e composições entre elementos de uma e de outra linha.

Em termos de pressupostos para lidar com a prática fica evidente que no GECC há encontros também quando diferentes investigações compreendem que aquela oposição binária tão presente na educação, *teoria X prática*, não procede, não nos serve para pensar as práticas e nem para construir teorias curriculares. A prática não é nunca aplicação da teoria. A teoria, por sua vez, não é pensamento inspirado pela prática. As “relações teoria e prática são muito mais parciais e fragmentárias”, como sugere Deleuze⁷. Desse modo não há que se falar em práticas ou teorias auto-suficientes. Ambas estão sempre relacionadas, vinculadas e entrelaçadas. Fora da prática curricular

⁷ Ver: FOUCAULT, M. e DELEUZE, G. Os intelectuais e o poder – Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. IN: Roberto MACHADO (Org.). *Microfísica do poder*. Rio: Graal, 1979, pp. 69-70.

ou pedagógica a teoria curricular ou pedagógica não faz nenhuma diferença. Do mesmo modo a prática tomada como auto-suficiente é mera técnica, conduz ao mesmo, ao já feito, ao já praticado, ao já conhecido.

Cabe destacar ainda que a prática é uma prioridade das investigações do Grupo porque, se não fazemos oposição entre teoria e prática, é sempre com a prática que estamos lidando. Para alguns autores com os quais trabalhamos no Grupo, como Michel Foucault e Gilles Deleuze, por exemplo, a própria teoria é prática; o pensamento é prático. Aliás, em Foucault “tudo é prática”! O filósofo considera que o próprio “discurso é uma prática”. Sem falar que operou com diferentes conceitos práticos que têm sido usados em nossas investigações sobre currículo, a saber: prática discursiva, prática não-discursiva, práticas de subjetivação, práticas de si, práticas de governo. Deleuze, por sua vez, é o filósofo da *prática filosófica*. Para falar da relação teoria e prática ele escreve: “a prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria é o revezamento de uma prática a outra. Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar um muro e é preciso a prática para atravessar o muro⁸”.

É assim que é possível concluir que, se o Grupo possui uma grande variedade de temáticas de estudo e de perspectivas teóricas e metodológicas, certamente encontros se dão entre essas pesquisas quando sempre se está considerando e focalizando “as práticas” nas investigações realizadas. Há encontros também quando diferentes investigações vêm nas práticas estudadas relações de poder que fixam, mantêm e normalizam ao mesmo tempo em que nelas também são vistas possibilidades de engendramentos que levam à criação e à transgressão. Para finalizar, registrando o quanto e o como a prática é priorizada nas pesquisas do GECC, lembramos Nietzsche que, ao mostrar como o pensamento é prático, sugere: “é preciso aprender a pensar. (...) A arte de pensar deve ser aprendida como uma dança. É preciso saber dançar com os pés, com as idéias [conceitos], com as palavras, com a caneta⁹”. Perguntamos então: há algo mais prático do que o próprio pensamento em currículo e do que os discursos curriculares que produzimos e divulgamos?

PESQUISAS EM DESENVOLVIMENTO NO GECC EM 2008:

“Currículo e a produção de sujeitos: relações de gênero nos reagrupamentos escolares” (Marlucy Paraíso - em equipe); **“Declínio e proposta de recuperação de uma escola de referência - o Colégio Estadual de Minas Gerais”** (Lucíola Licínio de C. P. Santos - em equipe); **“Práticas de leitura e escrita em currículos formas e não-formais”** (Marildes Marinho - em equipe); **“Proposta de Recuperação do Colégio Estadual Central: impacto das Políticas Públicas na qualidade de ensino para as camadas populares”** (Lucíola Licínio de C. P. Santos – em equipe); **“A produção acadêmica sobre currículo no Brasil e na Espanha com o uso dos conceitos identidades/diferença, subjetividade/sujeito”** (Marlucy Paraíso); **“A produção de**

⁸ FOUCAULT, M. e DELEUZE, G. Os intelectuais e o poder – Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. IN: Roberto MACHADO (org.). *Microfísica do poder*. Rio: Graal, 1979, pp. 69-70.

⁹ NIETZSCHE, F. *Crepúsculos dos ídolos: ou como filosofar com o martelo*. São Paulo: Escala, s/d, p. 62.

subjetividades juvenis no currículo escolar e no *Orkut*” (Shirlei R. S. do Espírito Santo); **“A questão negra em currículos oficiais de formação docente: do instituído ao praticado”** (Vanessa R. E. Oliveira); **“Currículo e Subjetivação: a infância narrada em filmes de animação”** (Maria Carolina Silva); **“O discurso escolar no currículo das HQs do *Chico Bento*”** (Daniela Freitas); **“Instituições Federais de Educação Tecnológica: estabelecimentos escolares de referência no ensino médio brasileiro - o caso do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais”** (Nilza Helena de Oliveira), **“Professoras da educação infantil e das primeiras séries do ensino fundamental e o reencontro com a formação escolar no Curso Normal Superior: limites e possibilidades”** (Regina L. Cerqueira Dias); **“Currículos construtivistas e subjetivação de professores/as de ciências”** (Marlécio M. da Silva Cunha); **“Currículo e educação de surdos/as: processos de subjetivação em duas práticas inclusivas”** (Clara Tatiana Amaral); **“Currículo e identidades: relações de gênero na educação infantil”** (Danielle L. Carvalhar); **“Abordagens no Ensino de Física em Minas Gerais”** (Ely Roberto da C. Maués). **“A produção de conhecimento profissional dos professores em contextos de trabalho”** (Ednaceli A. Damasceno), **“Entre conhecimentos acadêmicos e práticas docentes pré-profissionais: o exercício da docência durante o processo de formação inicial do professor de educação física”** (Janaina G. Sanches); **“A introdução da informática nos currículos dos cursos de Arquitetura”** (Anderson C. Ribeiro de Castro); **“Os saberes que constituem a profissionalidade docente adquiridos no curso de Pedagogia”** (Débora M. R. C. de Carvalho); **“A tessitura do conhecimento nas salas multisseriadas do meio rural”** (Caroline Leite Rodrigues); **“Avaliações de coleções didáticas de História de 5ª. a 8ª. séries do ensino fundamental: um contraste entre os critérios avaliativos do PNLD e dos professores”** (Nayara Silva de Carie).

PESQUISADORES/AS PARTICIPANTES DO GECC:

Professor@s: Doutora Marlucy A. Paraíso (FAE/UFMG) (Coordenadora); Doutora Lucíola Licínio de C. P. Santos (FAE/UFMG); (Vice-coordenadora); Doutora Marildes Marinho (FAE/UFMG); Prof. Ana Maria C. S. Câmara (Escola de Fisioterapia UFMG); Doutora Alda Junqueira Marinho (PUC – SP); Doutor Antônio Flávio Moreira (UCP – RJ); Doutora Maria da Mercez F. Sampaio (PUC – SP); Prof. Marlécio Muknamara da S. Cunha (prof da UFS e doutorando FAE/UFMG) Vândiner Ribeiro (PUC/MG e FAE/UFMG);

Doutorand@s: Ednaceli Abreu Damasceno (Doutorando FAE/UFMG); Ely Roberto da Costa Maués (Doutorando FAE/UFMG); Ellen de Cássia Souza Parrela (Doutoranda FAE/UFMG); Janaina Garcia Sanches (Doutoranda FAE/UFMG); Maria Celeste de Souza (Doutoranda FAE/UFMG); (Nilza Helena de Oliveira (Doutoranda FAE/UFMG); Regina L. Cerqueira Dias (Doutoranda FAE/UFMG); Shirlei Sales do Espírito Santo (Doutoranda FAE/UFMG); Vanessa E. Miranda Oliveira (Doutoranda FAE/UFMG);

Mestrand@s: Anderson Carlos Ribeiro de Castro (Mestrando FAE/UFMG); Caroline Leite Rodrigues (Mestranda FAE/UFMG); Clara Tatiana Dias Amaral (Mestranda FAE/UFMG); Débora M. R. C. de Carvalho (Mestranda FAE/UFMG); Danielle Lameirinhas Carvalhar (Mestranda FAE/UFMG); Daniela Amaral Silva Freitas (Mestranda FAE/UFMG); Karla Vignoli Viégas Barreira (Mestranda FAE/UFMG); Maria Carolina Silva (Mestranda FAE/UFMG); Márcia Fontoura Trad (Mestranda FAE/UFMG); Nayara Silva de Carie (Mestranda FAE/UFMG);

Estudantes de pedagogia e Bolsistas de Iniciação Científica: Cristina Madeira de Faria (CNPq.); Esfefa Pereira Gonçalves (CNPq.); Cássio T. Oliveira Junior (FAPEMIG); Ana Carolina R. Macedo (FAPEMIG); Fabiana Santos Guimarães (CNPq); Marcelle Ferreira Souza (CNPq); Thais Cristine de Souza (CNPq).